

S E G U I N T E



CORNELIA FUNKE

*Mundo de tinta*

CONTOS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

CORNELIA FUNKE

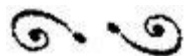
MUNDO DE TINTA  
CONTOS

Tradução  
Rafael Mantovani



SEPIENTE

## PREFÁCIO



É verdade que já se passaram mais de doze anos desde que escrevi as primeiras frases de *Coração de tinta*? Ainda lembro que, na época, disse a mim mesma: “Bom, esta vai ser uma história para devoradores de livros. Vou escrever para aqueles que são tão apaixonados pela palavra impressa quanto eu. Será a confissão de um vício”.

Enquanto pesquisava sobre colecionadores, encadernadores, maníacos e destruidores de livros, eu jamais tinha pensado que um dia aquela história seria lida no mundo inteiro e contagiaria até não leitores com o vírus das letras! Para mim, esses são os frutos mais maravilhosos que essa história rendeu: todas as cartas de crianças e adultos que recebi, em que eles contam como o Mundo de Tinta os seduziu a ler, e muitas vezes também a escrever. Existe coisa mais bonita para se dizer a uma contadora de histórias? Passei sete anos no Mundo de Tinta, embora originalmente pretendesse escrever um único livro! Mas a história quis que fosse diferente.

Mais uma lição que aprendi com os Livros de Tinta: as histórias têm vontade própria, e escrevinhadores como Fenoglio e eu apenas transcrevemos o que elas nos ditam.

Nos últimos cinco anos, estive viajando por outro mundo. Ou pelo menos pensei que fosse outro... Afinal, desta vez não foi um livro, mas um espelho que me transportou para lá. Porém, quanto mais longe eu viajo, mais familiares são os vestígios que encontro, e mais confirmo a suspeita de que esse mundo é o mesmo por onde segui Dedo Empoeirado e Fenoglio. Na verdade, isso não é nenhuma surpresa. Viajo sempre com a mesma cabeça e o mesmo coração. Passaram-se alguns séculos. O outro mundo ficou mais velho — ou seria melhor dizer mais *novo*, porque mais próximo do nosso?

Será que Jacob Reckless um dia vai visitar o castelo do Cabeça de Víbora? Ou encontrar um descendente de Dedo Empoeirado no Ogro Voraz, a taverna de Albert Chanute? Tão emocionante! Por que existem Línguas Encantadas no nosso mundo? Será que alguém trouxe, através do espelho, algum objeto mágico com que Orfeu, Darius e Mortimer tiveram contato?

Tantas perguntas. Tantas aventuras. E tudo começou há mais de doze anos. Espero que venham outros doze. Mas não quero ser ambiciosa. Não importa quando vai terminar esta viagem literária, ela foi e continua sendo uma fantástica aventura!

*Cornelia Funke*

## ORFEU



Chuva. Chuva todo dia. E o frio! Orfeu achava incrível que a tinta não congelasse. Brilho de Ferro reclamava todas as manhãs de reumatismo nos membros e gemia quando precisava apontar as plumas de Orfeu, mas esse era só mais um dos truques do homem de vidro para fugir do trabalho. Afinal, onde já se viu reumatismo em membros de vidro?

Tyrola... O nome do lugar soara tão promissor quando ele cruzou a fronteira, quase morrendo de frio! Porém o reino inteiro era tão lastimável quanto o clima. O castelo do rei não merecia ser chamado de castelo, e "rei" era um título muito elogioso para o imbecil que governava Tyrola. Seus súditos o chamavam pelas costas de Segismundo, o Louco. A maioria deles não comia nada além de pão seco e queijo podre, e sobrevivia ao frio embriagando-se com a aguardente que eles mesmos destilavam em seus casebres escuros nas montanhas.

Por sorte, pelo menos alguns tinham alcançado certo conforto. Havia quase um ano, Orfeu garantia sua parca existência dando aulas na capital para as filhas de um comerciante de tecidos que tinha o ambicioso plano de casá-las com diversos príncipes. A mais nova, para escrever seu próprio nome, mordida a língua de tanto esforço.

Ah, era uma tortura! E um desperdício gritante dos talentos que ele tinha! Mas pelo menos Orfeu tinha certeza de que as palavras de Fenoglio continuavam impotentes naquelas montanhas sombrias onde ele, faminto e congelado até os dedos dos pés, havia encontrado refúgio. As criaturas que se avistavam nos bosques e desfiladeiros de Tyrola eram a prova: mandels, munguentuts, norggels... kobolds peludos cujos nomes ninguém ousava pronunciar, aranhas e bodes devoradores de gente... O

velho não escrevera palavra alguma sobre tudo isso. Orfeu tinha certeza. Afinal ainda sabia de cor, palavra por palavra, o livro do Tecelão de Tinta, que o levava àquele lugar esquecido por Deus.

Não. Aquelas montanhas não pertenciam a Fenoglio — embora o velho com certeza teria afirmado o contrário. Afinal, com sua vaidade sem limites, acreditava ser o criador deste mundo inteiro. Chegaria o dia em que Orfeu lhe daria uma bela lição. Ah, sim, com certeza chegaria. Mas infelizmente suas palavras também relutavam em ganhar vida entre aquelas montanhas.

Desde que chegara, escrevia até os dedos doerem. Mas tudo o que surgia quando ele lia as palavras era pálido e sem força, como se o vento gelado tivesse soprado para longe algumas letras decisivas.

Bruneck, a capital de Tyrola, onde Orfeu ocupava dois aposentos caindo aos pedaços, teria cabido inteira (com muralha e tudo) no salão de audiências do Cabeça de Víbora. E no mercado só se ouvia os saltimbancos, mercadores e soldados contando como as coisas eram mais emocionantes em Ombra: o Príncipe Negro negociava a paz com a viúva do Cabeça de Víbora... Violante agora era chamada de "a Bondosa", pois vendera suas joias para alimentar os pobres... Ela sem dúvida passara tempo demais com Mortimer, aquele nobilíssimo idiota! Não havia novas histórias sobre Gaio. Pelo jeito o herói radiante tinha mesmo se aposentado. No entanto, todos os saltimbancos contavam sobre o Dançarino do Fogo e sua bela mulher, que dançava com as chamas, ou sobre seu aprendiz Farid, que, com seus truques cintilantes ridículos, partia os corações de todas as garotas do Reino de Tinta criado por Fenoglio.

Às vezes Orfeu ficava tão mal com essas histórias que passava horas vomitando num dos baldes que a dona horrorosa da pensão colocava para as cabras. Toda a conversa sobre os dias áureos de Ombra! Sobre as flores de vidro que brotavam na muralha da cidade (flores de vidro! As ideias de Fenoglio ficavam cada vez mais cafonas com a idade). Dizia-se que rouxinóis de prata cantavam nas árvores de Ombra, que um gigante vigiava o portão da cidade junto com seu filho, e que ultimamente era possível comprar tapetes voadores no mercado.

Ah, sim. Era bastante óbvio que Fenoglio estava enchendo volumes com suas baboseiras literárias, enquanto Orfeu mal conseguia fechar os dedos em volta da pena de tanto frio, e escrevia com uma tinta viscosa que escorria feito alcatrão no pergaminho manchado que os mercadores vendiam ali.

Não era de se esperar que suas palavras não surtisses efeito algum? Por que ele tinha deixado o castelo do lago e partido para o norte?

O céu estava inesperadamente azul quando Orfeu se pôs a caminho da casa de uma aluna nova. Mas a primeira poça em que pisou cobriu suas botas de cocô de cabra aguado.

Ah, Orfeu! O que foi que você se tornou? Toda a riqueza — perdida! Todo o poder! Todo o prestígio! Tudo jogado fora!

Ele passara outra noite em claro perguntando-se de quem se vingaria primeiro... Do encadernador? De Fenoglio? Ou o primeiro deveria ser Dedo Empoeirado? Sim, seu nome ainda era o espinho que mais doía na carne gelada de Orfeu. Ele simplesmente não conseguia esquecer a repulsa nos olhos de seu herói de infância. Sentira-se como um verme, rastejando sobre carne podre...

Sim, primeiro ele se vingaria de Dedo Empoeirado.

Vingança. Essa perspectiva tornava suportável a burrice de suas alunas — e a arrogância dos pais ricos delas.

O mestre padeiro que estava procurando um professor para sua filha Severina, de catorze anos, chamava-se Alois Haberkorn. Seu pão era ruim, porém com avareza e tino comercial ele acumulara uma riqueza considerável. Dizia-se que emprestava dinheiro para o próprio rei.

O criado que abriu a porta lançou um olhar desconfiado para o homem de vidro no ombro de Orfeu antes de conduzi-lo, em silêncio, ao recinto onde sua aluna o aguardava. As máscaras nas paredes eram comuns em muitas casas da cidade. Orfeu achava aquelas carrancas entalhadas repulsivas, mas elas supostamente afugentavam todo tipo de espíritos indesejáveis das montanhas. Uma mesa, um banco, uma lareira — o mestre padeiro não desperdiçava dinheiro mobiliando a casa.



Severina Haberkorn estava de pé no meio da sala, reta feito uma tábua, como se estivesse se apresentando para uma inspeção. As tranças de seu cabelo loiro-acinzentado estavam presas bem firme, como era costume naquelas bandas. Seu corpo arredondado mostrava os primeiros sinais de feminilidade.

— Sente-se.

Com um suspiro, Orfeu abriu um dos livros que usava para lecionar. Ele os roubara do comerciante de tecidos, cujas filhas também eram suas alunas. O homem, como era de se esperar, nunca se dera conta do roubo. A maioria dos ricos daquela cidade via os livros apenas como uma decoração necessária e jamais sentia a mínima tentação de abri-los. E, sinceramente, em Ombra não era muito diferente.

Severina sentou-se à mesa sem dizer uma palavra e segurou a pena, que jazia pronta ao lado do tinteiro. Precisou fazer um esforço enorme para não ficar encarando o homem de vidro.

— Meu método funciona da seguinte maneira — Orfeu começou a explicação enquanto colocava Brilho de Ferro sobre a mesa. — Se você se desconcentrar e escrever alguma coisa errada, o homem de vidro irá correr sobre a tinta úmida. Se ficar demorando ou perder palavras inteiras, ele derramará tinta no seu pergaminho.

Brilho de Ferro abriu um sorriso maligno enquanto se posicionava ao lado do tinteiro.

Sem dúvida aquelas medidas eram pedagogicamente questionáveis, mas pelo menos faziam com que as aulas fossem um pouco divertidas, tanto para Orfeu quanto para o homem de vidro.

Severina cometia muitos erros. Por mil pesadelos! — era ainda mais burra que as outras alunas de Orfeu.

Palavras... Elas usavam as palavras como gavetas, onde a vida era simplesmente jogada como se fosse pão seco! Não era surpresa alguma que ele dormisse tão mal. Nada restava ao fim de cada dia além de um rastro de letras mortas, e o arranhar da pena ainda o acompanhava em seus sonhos.

Orfeu encontrou a tira de pergaminho quando se sentou para jantar. Espantara-se com a tolerância de sua nova aluna, que tranquilamente deixara Brilho de Ferro passear sobre suas letras

tortas pelo menos umas doze vezes. Mas ele próprio não sabia muito bem como a perspectiva de vingança poderia tranquilizar a alma.

A imbecil tinha escondido a tira de pergaminho num livro que ele deixara perto dela na mesa. Aquela era sem dúvida a letra da menina, embora a caligrafia estivesse um pouco mais caprichada.

*Uma gota de sangue e extrato de urtiga,  
Encantarão as palavras com fúria inimiga  
O homem de vidro se contorcerá de dor  
Feito uma lombriga num dia de calor*

Olha só! A filha do mestre padeiro acreditava no poder das palavras!

Orfeu olhou à sua volta. O homem de vidro se contorcerá de dor...

Ele não via Brilho de Ferro em lugar algum, mas isso não queria dizer nada. O homem de vidro geralmente passava as noites procurando seus semelhantes nas ruelas estreitas de Bruneck, embora Orfeu já tivesse explicado infinitas vezes que os homens de vidro eram apenas uma criação maluca do Tecelão de Tinta, e portanto não existiam naquela parte do mundo.

Talvez Rudolph tivesse visto Brilho de Ferro. Orfeu contratara o criado, ainda que não tivesse condições financeiras para isso. Estava prestes a chamá-lo quando ouviu um ofegar vindo de trás da lata de açúcar.

As pernas de Brilho de Ferro debatiam-se desesperadas, e suas botas raspavam a mesa onde Orfeu tantas noites tentara em vão dar vida às palavras que lia.

Sim. Ele estava de fato contorcendo-se como uma lombriga.

Orfeu ficou assistindo, fascinado, à agonia do homem de vidro.

Ah, aquilo era fantástico.

Era simplesmente maravilhoso!

Brilho de Ferro ainda estava se contorcendo, com o rosto tomado por dor e fúria, quando Orfeu mandou Rudolph trazer seu casaco. O homem era lento como um caramujo manco. Ah, quando

as palavras voltassem a obedecê-lo, isso logo mudaria. Tudo iria mudar!

Lá fora, o céu ainda estava claro. Uma lua pálida pendia sobre os telhados de madeira, e as ruelas estavam vazias, a não ser por uma cigana que agarrou a mão dele para ler o futuro. Orfeu a empurrou para tirá-la do caminho. O futuro seria do jeito que ele escrevesse!

O criado do mestre padeiro lançou-lhe um olhar de desgosto e surpresa quando viu Orfeu parado diante da porta numa hora tão insólita, mas acreditou na história da lição de casa esquecida. A aluna, por sua vez, não era tão burra assim. Severina Haberkorn sabia por que o professor tinha ido procurá-la tão tarde da noite.

— Pare o feitiço! — Orfeu esbravejou, sem perder tempo com formalidades. — Pare imediatamente! Ainda preciso do homem de vidro. E quero saber como você fez isso.

Severina olhou para a porta. Orfeu não soube ao certo se foi na esperança de ver seus pais, ou por medo de encontrá-los. Era difícil de decifrar aquele rosto impassível. Por fim, ela estendeu a mão aberta para ele.

Orfeu entregou-lhe a tira de pergaminho.

Ela cuspiu nas palavras e lhe devolveu a tira.

— É só isso?

Ela fez que sim com a cabeça.

— O que mais você consegue fazer?

— Consigo fazer os garotos se apaixonarem por mim.

— E?

Ela mordeu o lábio e lançou-lhe um olhar sombrio.

— Fiz o meu nariz ficar mais fino.

Céus... Aquele país era um lugar mais perigoso do que ele tinha pensado. Se uma menina de catorze anos podia criar, apenas com palavras, um novo nariz, ou fazer o homem de vidro se debater de dor...

— É preciso ler as palavras em voz alta?

Severina fez que não com a cabeça.

Aquilo foi decepcionante. Orfeu sempre se orgulhara de sua voz de veludo. Por outro lado, isso significava que os talentos do

encadernador e de sua filha também eram inúteis ali. A ideia era promissora.

— Quem te mostrou como isso funciona?

Sangue e extrato de urtiga... Com certeza a menina não tinha descoberto aquilo sozinha.

Ela nem tentou esconder o ar de triunfo em sua voz.

— As palavras só obedecem às mulheres.

Aquilo era novidade.

As palavras no pergaminho tinham se dissolvido com o cuspe.

— Vou perguntar de novo... Quem foi que te mostrou isso?

A menina fez que não com a cabeça.

— Quem conta os segredos dela cai morto na hora.

— Ela?

Ele ameaçou mostrar o pergaminho para os pais dela, mas Severina continuou de boca fechada. Estava com medo. Até onde Orfeu sabia, nem o nome de Fenoglio nem o seu próprio jamais haviam despertado tais sentimentos. Era impressionante.

A mulher do mestre padeiro entrou bem na hora que Orfeu estava prestes a agarrar as tranças da menina e lhe arrancar a verdade na base da violência. Ele recolheu os pedaços de pergaminho do chão e foi embora.

Tinta que se dissolvia com cuspe. Sangue. Veneno de urtiga. Pelo jeito, fazer as palavras respirarem era um procedimento muito mais trabalhoso por ali. Mas era possível.

Ela...

Brilho de Ferro estava deitado ao lado do tinteiro quando Orfeu chegou em casa. Exausto, porém vivo.

Orfeu encontrou Rudolph na cozinha.

— Quem devo procurar quando preciso de palavras mágicas?

O homem encolheu o pescoço feito uma galinha diante de um machado.

Mas quando Orfeu pôs embaixo do nariz dele uma das moedas de prata que ganhara com tanto suor, os olhos castanhos do homem ficaram tão redondos quanto a peça de metal. Ele tinha quatro filhos para alimentar. O mais novo o deixara viúvo. Ele

estava tão desesperado por trabalho que fora muito fácil convencê-lo a aceitar uma mixaria como salário.

— É melhor não procurá-las — ele murmurou, sem tirar os olhos da moeda.

— Procurar quem? Desembucha logo ou eu guardo a moeda de volta. Seus filhos parecem estar com bastante fome.

O homem apertou o cabo da vassoura com força.

— Bruxas. — Rudolph pronunciou a palavra como se pudesse queimar seus lábios. Ah, sim, meu caro. E como podem.

Bruxas. Fenoglio nunca tinha escrito sobre bruxas. Orfeu quase agarrou o pescoço raquítico de Rudolph com as duas mãos.

Ombra ficava a pouco mais de cem milhas de distância, e aquelas montanhas nunca tinham ouvido as palavras de Fenoglio. Ah, como o mundo era grande! Claramente maior do que o ridículo Reino de Tinta, onde aquele velho se portava como um rei. Ah, Orfeu! Como você pôde falar tão mal daquelas montanhas? Elas lhe forneceriam novas palavras — mais escuras — para sua vingança. Palavras com gosto de sangue e extrato de urtiga. De magia negra e noites frias de neblina. Havia tanta coisa a aprender.

— Onde eu encontro uma bruxa?

Ele já sentia as palavras se agitarem dentro dele, todas as palavras que queriam ganhar vida. Orfeu escutava seus sussurros. Não. Elas grasnavam como corvos, latiam como cães ensandecidos, uivavam feito lobos famintos. Já fazia tempo que ele as ouvia.

O criado cerrou o punho em volta da moeda.

— Na floresta... Elas estão sempre na floresta. Bem afastadas das trilhas. Mas existem bruxas boas e bruxas más.

Excelente.

— Onde eu encontro uma bruxa má?

## *CINCO ANOS DEPOIS*



O céu ardia. Dedo Empoeirado adorava atear fogo na noite. Suas chamas criavam brotos vermelhos entre as estrelas, feito papoulas abrindo caminho em um campo de flores brancas.

Fenoglio estava parado à janela de seu quarto no sótão, apreciando a vista. Vivia outra vez sob o teto de Minerva. Aquele aposento simples ainda era o melhor lar, e a paisagem era muito mais esplêndida que a do castelo — principalmente nas noites em que Dedo Empoeirado armava o palco para sua bela mulher. Roxane sempre dançava para a Feia sob um céu bordado de chamas.

Dedo Empoeirado e Roxane... Já fazia muito tempo que Fenoglio deixara de se referir a eles como criações suas. Deixara de acreditar que era possível, só com palavras, criar pessoas e os mundos onde elas viviam. Era possível, sim, capturá-las com palavras. Prender seu eco no som de consoantes e vogais. Mas criá-las? Não. A vida em si não nascia da tinta. Fenoglio aprendera a ser humilde com os dedos de um gigante, com uma trilha na floresta repleta de corpos de soldados, e com a filha do Cabeça de Víbora, cuja sabedoria de governante ele não tinha previsto quando escrevera sobre uma menina solitária e feia. Mas mesmo que o tecido daquele mundo tecesse a si mesmo (ou fosse fabricado por alguém que se escondia), Fenoglio não se opunha quando alguém o chamava com reverência — e um leve tremor na voz — de Tecelão de Tinta. Fazia muito bem para sua vaidade e, no final das contas, às vezes ele realmente embelezava o tecido daquele mundo com alguns bordados novos. Uns enfeites aqui e ali, um pouco mais de cor...

Ali! As flores de Dedo Empoeirado lançavam suas sementes de fogo no veludo escuro da noite. Uma revoada de cisnes cruzou o

céu, com asas de faíscas brancas. Ele inventava cenários muito criativos para as danças que Violante, de tempos em tempos, pedia para Roxane apresentar aos seus súditos. Nessas noites os portões de Ombra ficavam abertos, e as pessoas chegavam de toda parte para admirar a mulher que dançava com o fogo. O próprio Fenoglio muitas vezes estivera entre os espectadores, mas hoje em dia preferia a vista da janela de Minerva à multidão do pátio do castelo.

Ainda estava frio, embora fosse quase fim de março, e os ossos cansados de Fenoglio resistiam a todas as palavras que ele escrevia tentando expulsar o reumatismo de suas juntas. As ervas de Roxane funcionavam melhor — mais uma prova das verdadeiras raízes e das realidades daquele mundo.

Ah, Tecelão de Tinta, você está ficando velho.

Envelhecer não era agradável em lugar nenhum, e ele não tinha vontade de estar em outro, embora às vezes sentisse falta de seu jornal de manhã ou do café forte que tomava três vezes por dia. Era um absurdo que o grão de café ainda não tivesse chegado a Ombra. Vinho e chá, era só isso que se encontrava no mercado. Bom, não se podia ter tudo na vida. Só que Fenoglio sempre achara difícil aceitar esta regra.

Alguém bateu na porta. Pelo som, pareciam estar batendo na madeira com o gargalo de uma garrafa.

Céus, aquele homem de vidro era tão impaciente que um dia iria acabar se estilhaçando!

Fenoglio ainda assumia o crédito por ter inventado os homens de vidro, embora Meggie gostasse de provocá-lo falando dos espécimes selvagens que viviam nas florestas. Era preciso admitir que estes últimos não levavam o menor jeito para afiar penas, e portanto desmentiam sua alegação de que inventara a espécie só para servir os escritores. Mas tanto fazia se ele próprio ou outra pessoa era responsável pela criação dos homens de vidro: o fato era que suas vozinhas engraçadas ficavam absolutamente incompreensíveis quando estavam aflitos. O que sem dúvida era mais um argumento para a opinião comum de que homens de vidro em geral eram uma coisa supérflua, um conceito ridículo.

— Diga logo o que foi. Por que você já está tão agitado de novo? — Fenoglio gritou para Quartzo Rosa, enquanto fechava a porta atrás dele. (Os homens de vidro nunca conseguiam fazer isso sozinhos.) — Estrume de vaca na calçada? Uma galinha tentou te bicar? Você vai ver, um dia ainda vai explodir de raiva por alguma besteira qualquer!

Lá fora, Dedo Empoeirado celebrava a arte e a beleza de sua mulher, fazendo o fogo pintar a silhueta dançante de Roxane no céu. A mão dela tentava agarrar a lua como se fosse uma bola de prata.

— Aquele salafrário cinzento...! — Quartzo Rosa ofegava. — Eu tinha tanta certeza de que nunca mais veria aquela cara feia. Nada além de uma pilha de cacos, é isso que ele merecia ser! Cacos de vidro nas fezes de um cão pulguento!

De quem Quartzo Rosa estava falando? Do homem de vidro que disputava com ele o amor da mulher de vidro em que estava interessado? Se bem que aquele não era cinza, mas violeta (uma cor infeliz para um homem de vidro).

— Bom, espero que você não esteja pensando em se atracar com o seu rival — Fenoglio disse, voltando para a janela. — Se você quebrasse os braços, seria inútil não só para mim como para sua amada amarelada, essa porta-agulhas que está te tirando do sério.

O objeto de desejo de Quartzo Rosa trabalhava para Beatrice Somnavilla, uma costureira por quem quase todos os humanos de Ombra suspiravam. Até Fenoglio escrevera poemas de amor para ela... A idade não poupava ninguém dessas tolices.

Ágil como uma aranha, Quartzo Rosa escalou a cômoda que havia ao lado da escrivaninha de Fenoglio. Odiava ter que ficar olhando para cima enquanto discutiam. Bom, mesmo em cima da cômoda ele ainda precisava fazer isso. Criaturinha ridícula. Mas o talento dos homens de vidro para o alpinismo era realmente impressionante.

— Outra vez você não está me escutando! — Quartzo Rosa chiou. — Essa sua gente nunca escuta! Tanto espaço nessas cabeças disformes, e para quê? Brilho de Ferro! Eu vi Brilho de Ferro, o homem de vidro de Orfeu! Imagino que você ainda se



lembre desse nome, não? Brilho de Ferro estava sentado no ombro de um homem que parecia ainda mais sórdido que ele próprio, e ficou olhando fixo para o Dançarino do Fogo, como se quisesse perfurar a pele dele com seu olhar de vidro!

Lá fora, Dedo Empoeirado deixou o fogo morrer, e a noite ficou escura como fuligem.

— Que bobagem. Tenho certeza de que você está enganado. — Fenoglio odiou o tremor que ouviu em sua própria voz. — Os homens de vidro são todos parecidos, só isso! E cinza não é exatamente a cor mais rara que existe.

— Os homens de vidro são todos parecidos? — A lista de insultos que Quartzo Rosa lançou sobre Fenoglio e sobre toda a espécie humana era interminável. Sem dúvida ele estava passando tempo demais na taverna perto do mercado, onde a taverneira deixava, em cima do balcão, uma dúzia de banquinhos minúsculos para os homens de vidro. Ela enchia dedais com seu vinho mais barato, e em troca eles transcreviam as canções picantes que ela compunha para os músicos.

Ah, aquela vozinha estridente! Era como derramar vidro moído em seus velhos ouvidos.

Mas e se o homem de vidro não estivesse enganado? Fenoglio sentiu-se outra vez como aquele lobo do conto de fadas, aquele cujo estômago os sete cabritinhos encheram de pedras.

Fazia cinco anos desde a última vez em que ele ouvira o nome de Orfeu, no dia do nascimento de Dante, o irmão mais novo de Meggie. Fora naquela ocasião que Mortimer lhe contara, com todos os detalhes, o que havia acontecido no Castelo do Lago.

Cinco anos...

Eles tinham comemorado o aniversário de Dante fazia três dias. Sua mãe desenhara para ele todas as suas criaturas favoritas (espíritos da floresta, ninfas, homens de vidro — e cachorros). Seu pai encadernara esses desenhos, criando o livro mais bonito que uma criança de cinco anos já possuía. Meggie tinha costurado para o irmão uma réplica minúscula da capa que o Príncipe Negro vestia. Hoje em dia, ela era quase tão habilidosa com agulha e linha quanto com as palavras. Seu amigo Doria (que Dante idolatrava)

esculpira para ele uma carruagem de madeira que andava sozinha. E Dedo Empoeirado... Bem, Dedo Empoeirado obviamente tinha feito Dante esquecer todos esses presentes, enviando para ele um cachorro de fogo.

Pedras no estômago...

Cinco anos. Cinco anos esplêndidos, mágicos. Não, Fenoglio não queria ouvir nada sobre Orfeu, nem sobre seu perverso homem de vidro. Ambos estavam mortos. Era o que tinha dito a si mesmo durante todos aqueles anos, quando pensava no Cabeça de Queijo.

Fenoglio passou a noite em claro. O céu sobre os telhados de Ombra mergulhou numa escuridão perturbadora depois que os fogos de Dedo Empoeirado se apagaram e, quando a manhã rompeu, estava tão pálido e cinzento quanto o homem de vidro que tirara o sono de Fenoglio. Até os filhos de Minerva ainda estavam dormindo quando ele foi ao estábulo buscar o cavalo que o Príncipe Negro lhe dera de presente.

As colinas estavam prateadas com o orvalho suspenso em milhares de teias de aranhas. Reluzentes armadilhas mortais... Fenoglio tentou formular algum pensamento que não fosse sombrio, mas era simplesmente impossível.

Quartzo Rosa também já estava de pé, em busca do homem que tinha visto levando Brilho de Ferro no ombro. Fenoglio o encarregara de pedir aos outros homens de vidro que também ficassem de olho bem aberto à procura daquele desconhecido. Além disso, enviara uma mensagem ao Príncipe Negro e a Mortimer. Mas para Dedo Empoeirado queria transmitir a má notícia pessoalmente. Devia isso a ele. E além do mais, nunca perdia a oportunidade de fazer uma visita a Roxane. A beleza dela permitia que Fenoglio, mesmo numa manhã como aquela, acreditasse na perfeição do mundo.

Entretanto, Roxane não estava ali quando Fenoglio freou seu cavalo diante da casa simples onde ela morava com Dedo Empoeirado. Naturalmente. Ela gostava de colher as ervas que usava em seu ofício quando as folhas ainda estavam úmidas de orvalho. Fenoglio precisava admitir que sentia saudade das pílulas insípidas de seu mundo quando bebia as infusões amargas de

Roxane — mesmo que estas muitas vezes funcionassem melhor. Obviamente ele nunca dizia isso, mas Roxane sempre lhe lançava um sorriso cúmplice que fazia o sangue lhe subir às bochechas enrugadas.

Ah, o sorriso dela. Dedo Empoeirado podia se considerar, apesar de tudo o que lhe acontecera, um homem muito sortudo, e não só por causa da mulher que o amava. Embora não se saiba quem urdiu a trama do destino do Dançarino do Fogo, ele se tornara uma pessoa extraordinária desde que voltara dos mortos. Uma chama pulsante, em paz com a vida e com aquilo que vinha depois. Dedo Empoeirado cruzava esse limiar com a mesma facilidade com que passava do dia para a noite.

Ele estava parado na frente da casa com Jehan, filho do segundo casamento de Roxane. Jehan era aprendiz de ferreiro em Ombra. Já tinha fama de criar maravilhas com ferro derretido, certamente em boa parte graças àquilo que seu padraсто lhe ensinara sobre o fogo.

Ambos pressentiram que Fenoglio trazia más notícias assim que ele entrou no pátio. Fenoglio às vezes ainda se pegava procurando no rosto de Dedo Empoeirado as cicatrizes que uma vez tinha descrito. Ainda era um rosto cheio de segredos, embora as Damas Brancas tivessem apagado todos os vestígios de dor.

— Precisamos encontrar o homem de vidro — Jehan disse. — E obrigá-lo a confessar onde seu mestre está escondido. Vou pendurá-lo em cima da fornalha, isso vai fazer ele abrir a boca!

O sorriso de Dedo Empoeirado era ainda mais misterioso desde que ele voltara das Damas Brancas. Sempre deixava Fenoglio constrangido. “Sei tudo sobre você, seu velho bobo”, o sorriso parecia dizer.

— Não — disse Dedo Empoeirado. — Como vamos saber se ele está falando a verdade? O Príncipe Negro devia mandar alguém atrás dele. Não vai fazer mal nenhum descobrir onde Orfeu tem aprontado suas artimanhas.

— O Homem Forte com certeza pode se encarregar disso — Jehan disse. — Na melhor das hipóteses, ele quebra os pescoços

dos dois, do homem de vidro e de Orfeu. Antes que ele possa nos envenenar com palavras outra vez.

Dedo Empoeirado deixou uma chama minúscula crescer em sua mão.

— Todos estes anos procurei por ele no fogo — ele disse —, mas o fogo não conseguiu encontrá-lo. Ou ele está morto e seu homem de vidro agora serve a outro senhor, ou ele partiu para alguma terra que meu fogo não enxerga.

Pedras no estômago. Fenoglio viu terras selvagens diante de si, estranhas e perigosas... Terras que sabiam tão pouco de suas palavras quanto do fogo de Dedo Empoeirado. Ele olhou para o horizonte. Pela primeira vez teve medo da vastidão que espreitava além dele.

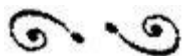
Quando a chama na mão de Dedo Empoeirado se apagou, as cinzas desenharam em sua pele a silhueta de uma mulher dançando.

— Eu vou com você — ele disse a Fenoglio. — Encontrar este homem de vidro. E falar com o príncipe.

Cinco anos.

Todos eles sentiram. Uma nova história se anunciava. Ou será que ainda era a mesma de sempre?

## O LIVRO DE PRATA



Em Le Puy, uma cidadezinha na França encravada nas montanhas de Ardèche, existe um museu que até poucos anos atrás guardava um tesouro. Agora a vitrine está vazia, a não ser por uma foto que mostra um livro encadernado em prata. Os fechos do volume têm o formato de cisnes voando. A lombada é enfeitada com torres cercadas de rosas, e nas capas do livro a prata desenha lírios e gavinhas espinhosas, entre os quais o observador atento pode descobrir um focinho de lobo ou uma cabeça de unicórnio.

Os habitantes de Le Puy adoram seu Livro de Prata, e é por isso que a foto está lá. Esperam até hoje um visitante que um dia pare em frente à vitrine vazia e declare: "Mas eu vi esse livro agorinha há pouco!".

Temo que estejam esperando em vão. Os ladrões que roubaram o livro, na noite de 11 de novembro de 2009, agiam a mando do homem (se é que podemos chamá-lo de homem) para quem ele foi originalmente encadernado.

Impossível?

Segundo a descrição que se lê na parede ao lado da vitrine, o Livro de Prata foi levado para Le Puy no ano de 1823, como legado de um nobre que morreu sem deixar herdeiros. Mas isso é só metade da história. O livro é consideravelmente mais antigo.

As iluminuras nos pergaminhos do livro não possuem temática religiosa, como a maioria dos livros da época de seu surgimento. E, estranhamente, os reis e príncipes que elas retratam não se encontram em nenhum relato histórico da região. O Livro de Prata de Le Puy foi portanto interpretado como um volume de contos de fadas que entretinha os filhos de algum nobre, ou a genealogia romanceada de algum príncipe há muito esquecido.

A verdade, como tantas vezes acontece, é muito mais surpreendente. O livro conservou seu segredo dentro de seu invólucro de prata durante todos esses séculos. Mesmo os ladrões que o roubaram pensavam que o que interessava a seu contratante eram as capas do volume. A advertência enfática que lhes foi feita apenas reforçou este erro: eles não deviam encostar no livro com as mãos descobertas em hipótese alguma, nem abrir os fechos que o protegiam.

Ao longo dos séculos, catorze homens e mulheres tiveram contato direto com o livro. Todos eles, depois disso, adquiriram um dom muito raro: podiam dar vida às palavras escritas através da voz. Criaturas, objetos, todos os mundos que se escondem entre as páginas dos livros como em caixas tipográficas... essas coisas ganhavam vida assim que ouviam a voz de uma pessoa que tivesse sido tocada pela magia do Livro de Prata. E não era só isso, esse encantamento era tão forte que o dom concedido era transmitido aos descendentes, em geral para a filha ou filho mais velho. O dom costumava aparecer pela primeira vez por volta do sétimo aniversário, embora houvesse casos em que se manifestasse antes disso.

Dos catorze Línguas Encantadas conhecidos, a maioria manteve seu dom em segredo. Afinal, esse é um talento mais que suspeito num mundo que já não acredita em magia há muito tempo.

O homem que encomendou o Livro de Prata, e séculos depois contratou alguém para roubá-lo (sim, é melhor o chamarmos de "homem", ele não gosta nem um pouco que seus segredos sejam expostos), mandou encadernar o livro por dois motivos. Por um lado, ele preservava em suas páginas lembranças de outro mundo — o mundo de onde vinha. Mas um propósito tão inofensivo não era suficiente. Seres como ele adoram dar um toque de travessura em tudo. Sendo assim, ele escondeu mais uma coisa na prata das capas do livro: uma magia que faz respirar toda a vida que se esconde nas palavras escritas.

Os homens e mulheres cujas línguas foram encantadas pela prata nem perceberam quando isso aconteceu. Afinal, só tinham

encostado num livro.

Ninguém sabe como o dono original perdeu o Livro de Prata. Talvez o primeiro Língua Encantada tenha sido um ladrão comum.

Então houve a governanta que, depois de descobrir o Livro de Prata na biblioteca da casa em que trabalhava, surpreendeu as crianças fazendo surgir um dragão de carne e osso enquanto lia a história favorita delas; o padre que secretamente o retirou da estante de um bispo e poucos dias depois evocou um demônio de um de seus livros sagrados; o criado que espanou o livro e jamais descobriu o dom que o objeto lhe concedera; o encadernador que o examinou buscando vestígios de mofo e fez surgir um elefante sem tromba de uma de suas histórias preferidas... Diz-se que seu filho Mortimer herdou o dom, e se tornou um Língua Encantada de grande talento. Ele desapareceu sob circunstâncias misteriosas, junto com sua filha e sua mulher.

Ah, sim. E além disso há a história de Ferdinando Lampedusa Fenoglio, o escritor que, assim como Mortimer Folchart, desapareceu sem deixar rastro. Supostamente ele usou, como inspiração para um de seus próprios livros, algumas das histórias que o Livro de Prata contava em suas páginas. Uma brincadeira perigosa quando se está lidando com um livro encantado...

O guarda do museu, que abriu a vitrine para Fenoglio porque era um grande admirador de seus livros, obviamente não o deixou a sós com o maior tesouro do museu. Ele relata que o escritor ficou um tempão olhando para a capa prateada. Deduziu que fosse porque a prata era tão clara que parecia um espelho enfeitado de flores. Mas isso com certeza é um exagero da imaginação dele.

Copyright © 2013 by Cornelia Funke

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Celso Koyama

*Preparação*

Nathália Dimambro

*Revisão*

Larissa Lino Barbosa

Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-8086-930-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)



# Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Prefácio](#)

[Orfeu](#)

[Cinco anos depois](#)

[O Livro de Prata](#)

[Créditos](#)